

MARIA BRANDÃO, A CAMPEÃ DA PAZ

Maria Brandão pertence ao pioneiro grupo de mulheres negras que participou ativamente da história política do país, no século XX. Seu nome está presente no Dicionário Mulheres do Brasil¹, publicado em 2002, e em muitas outras obras que estudam a presença da mulher negra na nossa história contemporânea. Pela sua trajetória de vida, onde se destacam a sua atuação como militante do Partido Comunista, sua coragem e sua resistência à opressão, é uma referência para o movimento negro do Brasil.

Mulher, pobre e negra, em 1950, foi contemplada com o prêmio de Campeã da Paz, por ter sido a mulher que mais arrecadou, no mundo, assinaturas em favor da paz, na campanha promovida pelo Partido Comunista Brasileiro.

Maria Brandão: uma mulher na História

O documentário pretende revelar ao Brasil a história de MARIA BRANDÃO DOS REIS. Uma mulher muito especial que nasceu e viveu boa parte de sua vida numa cidade em que, até hoje, em pleno século XXI, quase sempre as mulheres, como forma de serem mais facilmente identificadas na comunidade, quando solteiras, têm adicionado ao seu primeiro nome o prenome de seu pai, como se a ele pertencesse; quando se casam, ao seu prenome é acrescido o nome do marido, seu novo “dono”. Assim, temos, por exemplo, a “Maria de Quinzinho”, a qual, depois de casar-se, vira a “Maria de Zé Bento”. É raríssimo verificar-se o contrário, tal como “Quinzinho de Maria”. Se a força do patriarcado ainda se manifesta nos dias de hoje, imagine-se há um século atrás.

Maria Brandão dos Reis nasceu em Rio de Contas, na Chapada Diamantina, Bahia, no dia 22 de julho de 1900.

Anos mais tarde, fixou residência em Salvador, onde filiou-se ao Partido Comunista do Brasil. Teve destacada atuação na Campanha da Paz, organizada pelo PCB e participou de várias reivindicações populares e passeatas de protestos.

Há registro de que, para apoiar mulheres que sofriam a ameaça de perder suas casas, no bairro do Corta Braço, atual bairro da Caixa d'Água, em Salvador, esteve à frente da vigília noturna e da passeata de protesto, organizada em 1947.

É de se lembrar que, em março de 1947, o presidente dos EUA Henry Truman denunciou no congresso americano as “sementes do totalitarismo” plantadas na Europa, dando início ao que se chamou “guerra fria”. Em abril do mesmo ano, o Tribunal Superior Eleitoral cancelou o registro do PCB, e, no ano seguinte, os parlamentares eleitos por essa legenda, perderam seus mandatos. Recomeçaria, então, um longo período de clandestinidade.

¹ Dicionário Mulheres do Brasil, Schuma Schumacher, Érico Vital Brazil, Jorge Zahar Editor, 2000

Em 1948, iniciou-se uma grande campanha internacional em defesa da paz. Luiz Carlos Prestes, preocupado com o perigo de uma nova guerra mundial, anuncia a tática comunista para combatê-lo, baseada na união de todos os patriotas independentemente de diferenças políticas, religiosas ou filosóficas. A campanha pela paz, guiada pelos comunistas, foi severamente reprimida pelo governo brasileiro: houve prisões, agressões dirigidas a parlamentares, intelectuais, estudantes e trabalhadores, sendo que, em alguns eventos, ocorreram até mesmo mortes.

“Em março de 1950, o comitê permanente do Congresso Mundial dos Partidários da Paz, reunido em Estocolmo, lançou campanha mundial de coleta de assinaturas pela paz e a proibição de armas atômicas. Este documento ficou conhecido como “Apelo de Estocolmo”.

Os comunistas brasileiros se destacaram nesta campanha. O objetivo proposto era coletar quatro milhões de assinaturas. Em agosto de 1950, eles anunciaram que já tinham conseguido dois milhões. Segundo o líder comunista Diógenes Arruda, a campanha em defesa do Apelo de Estocolmo conseguiu no total mais de 4,2 milhões de assinaturas e se encerrou, com um ato público em 1951.”

(...)

“A campanha dos comunistas brasileiros se diferenciou da campanha travada em outros países. Prestes, já no início de 1949, procurava vincular a campanha pela paz com a luta armada pela derrubada do governo Dutra”, que, a serviço do imperialismo ianque, tratava de amarrar nosso povo às aventuras dos trustes e monopólio e do governo de Washington”. (extraído do artigo “Os comunistas brasileiros contra a guerra”, de Augusto Buonicore, in www.vermelho.org.br)

No ano de 1950, Maria Brandão foi agraciada com o título de Campeã da Paz, por ter-se destacado, no cenário mundial, como a mulher que mais arrecadou assinaturas em favor da Paz, em meio a dura repressão, conforme visto acima.

Em razão disso, teria obtido o direito de fazer uma viagem à União Soviética; porém, tal fato não ocorreu, em virtude de ter sido substituída por um jovem intelectual, que acabou fazendo feio ao embriagar-se e cair nas águas do Rio Volga. Há quem diga que ela jamais perdoou o Partido por ter sido preterida dessa forma. (in blogmetropolitano.blogspot.com/2006/06/cidade-das-mulheres.html)

Durante a ditadura militar, no ano de 1965, Maria Brandão foi interrogada pela polícia para falar sobre seu envolvimento com os comunistas. (in www.casadeculturadamulhernegra.org.br)

Em 1974, ocorre seu falecimento, em Salvador, Bahia.

Maria Brandão: a vida contada por Dezinha

Hoje, sabemos outros fatos de sua vida contados por Edésia Brandão Luz Souza, sua filha, conhecida como Dezinha, agora quase centenária, testemunha de uma trajetória extraordinária de coragem, persistência e solidariedade.

Filha de família humilde, Maria Brandão exercia a profissão de lavadeira, e casou-se, pela primeira vez, com Sabino Luz, que faleceu precocemente. Dezinha tinha, então, apenas três anos.

Alguns anos depois, conheceu Torquato Gomes dos Reis, um vendedor viajante, com quem se casou em segundas núpcias. Aliás, conta-se que, exatamente no dia do casamento, Torquato perdeu o emprego.

Certo dia, Sabino, filho de Maria Brandão, durante uma partida de bilhar, foi ofendido e discriminado pelo filho do Coronel Rodolfo Abreu, prefeito de Rio de Contas, naquela época. A discussão gerou uma briga entre o filho de Maria Brandão e o filho do coronel, que estava acompanhado por alguns amigos. Sabino acabou vencendo a luta.

Um dia depois, por ordem do Coronel Rodolfo Abreu, às cinco horas da manhã, Sabino foi conduzido à delegacia. Como tinha menos de dezoito anos, foi acompanhado por Pedro Brandão, irmão de Maria Brandão. Para frustração dos planos do coronel, o juiz da cidade, Dr. Gilberto Lopes de Andrade, liberou Sabino.

Pedro Brandão era funcionário da prefeitura e trabalhava na Casa de Câmara e Cadeia, onde hoje funciona o Fórum. Ele também limpava ruas e acendia lampiões.

Já fazia um bom tempo que Pedro Brandão não recebia o salário. Era dia de feira, e, em frente a um bar, Pedro reclamou que não tinha um centavo para fazer as compras.

Algumas horas depois, policiais comunicaram a Pedro Brandão que o coronel queria falar-lhe. Pedro não deu atenção. Ele nem imaginava que sua queixa já havia chegado aos ouvidos das autoridades.

Sem qualquer chance, Pedro Brandão foi espancado por policiais e arrastado pelas ruas até a delegacia. O coronel, que já estava de olho na família Brandão, sentiu-se ofendido pelo fato de Pedro comentar em público a respeito do atraso do salário. A partir daí começou a perseguição.

Maria Brandão dos Reis, irmã de Pedro Brandão, que estava na cidade vizinha, foi comunicada do fato e dirigiu-se à delegacia para protestar pela prisão do irmão. Ela foi espancada violentamente por policiais.

Maria Brandão, Pedro Brandão (que acabou ficando sem salário e sem emprego) e familiares já não teriam mais vez naquela cidade. Sentiam-se pressionados, constrangidos e acuados. Era uma perseguição atrás da outra; as pessoas morriam de pena de Maria Brandão, mas tinham medo do coronel. Poucos tinham coragem para ajudá-los.

A família resolveu, então, mudar de cidade e foram para Jaguaquara. Depois de algum tempo, em face de dificuldades lá enfrentadas, a família retorna a Rio de Contas.

Mas, não demorou muito e mudaram-se para Rio Novo, onde Sabino acaba adoecendo e morre, gritando o nome do coronel. A família não tinha dinheiro sequer para comprar um caixão para enterrá-lo.

Após a morte de Sabino, a família retorna a Rio de Contas, mas os problemas continuaram. Assim, decidem transferir-se para Jequié, contando que lá seriam apoiados pelos parentes de Torquato. Infelizmente, as coisas não se passaram como se esperava. Desgostoso com a indiferença dos parentes, Torquato adoece e morre.

A mãe de Maria Brandão, Dona Prisilina traz a família de volta a Rio de Contas. Para garantir a sobrevivência, Maria Brandão, já sem o marido, resolve colocar uma banca de café na praça, mas, de novo, o coronel interfere e impede que sua pretensão se torne realidade.

Ela sente, novamente, o peso da perseguição iniciada anos atrás contra sua família. É bem verdade que, naquele tempo, os negros, de modo geral, eram discriminados: no clube eles não podiam entrar; na igreja, não podiam sentar-se na frente, e não se via negros vestidos de anjos, nas ocasiões especiais. Dezinha conta que seu tio Pedro apresentou-se com o Terno de Reis que havia organizado em uma residência; em seguida, houve um baile: os pretos ficaram numa sala e os brancos em outra.

Na história de Maria Brandão, porém, havia um componente a mais: a raiva que o coronel, homem poderoso da cidade, tinha contra sua família, e que, ao que parece, não havia sido dissolvida, ainda. Algumas pessoas sentiam pena da situação imposta à família, mas o medo de se incompatibilizar com o coronel era maior.

Havia na cidade, uma casa abandonada que pertencia a uma família de Livramento, cidade vizinha a Rio de Contas. Nesta casa, Maria Brandão montou uma pensão que hospedava viajantes de passagem pela cidade.

Dezinha, mudou-se para a capital, Salvador, com o objetivo de estudar e, depois, buscar a mãe.

Em Salvador, Maria Brandão dos Reis e Edésia Brandão Luz Souza moraram em casa de parentes e amigos e passaram por muitas dificuldades. Maria Brandão dos Reis adquiriu uma máquina de costura, mas teve dificuldade para pagar algumas prestações, que acabaram ficando em atraso. O vendedor da máquina, reconhecendo o esforço e o momento difícil por que as mesmas passavam, ofereceu-lhes um pequeno quarto em uma pensão na Baixa do Sapateiro.

Mais tarde, essa mesma pensão veio a ser administrada por Maria Brandão e, em seguida, foi por ela comprada à prestação.

A pensão, além de ser abrigo para jovens que vinham do interior, aos quais muitas vezes fornecia livros e bolsas de estudo, seria também seu reduto de militância.

Por ali teriam transitado comunistas famosos, entre os quais destacavam-se: Carlos Prestes, Mario Lago, Antônio Balbino e Carlos Marighela. Além dessas celebridades, ela teria conhecido Jorge Amado e Monteiro Lobato.

Segundo Dezinha, Maria Brandão saiu pelas ruas de Salvador, batendo de porta em porta, para arrecadar assinaturas durante a Campanha da Paz, e observe-se que “*a polícia maltratava os comunistas, como se fossem bandidos*”, de acordo com suas palavras. A medalha a que fez jus a Campeã da Paz, símbolo do reconhecimento internacional por seu trabalho, foi-lhe enviada da antiga URSS e guardada durante muito tempo aos pés de São Sebastião, na capela da beira do rio, em sua cidade-natal.

Anos depois, Maria Brandão dos Reis retornou a Rio de Contas. Visitou, então, muitas pessoas, na tentativa de promover a participação popular em organizações sociais. Encontrou, contudo, alguma resistência entre os conterrâneos, e constatou que o medo imposto pelos poderosos ainda continuava.

Graças à sua influência política, Maria Brandão conseguiu a primeira estrada que liga Rio de Contas à cidade vizinha de Livramento, e outras benfeitorias, embora isso jamais tenha sido reconhecido formalmente.

Revelar o Brasil por Maria Brandão

Revelar este Brasil, por meio da admirável figura de Maria Brandão, nossa Campeã da Paz, é de grande importância para a comunidade riocontense, especialmente para as comunidades quilombolas que aqui se encontram, pois enaltecer sua memória significa a afirmação de valores humanos como a Resistência, a Coragem e a Solidariedade, para a conquista da Justiça e, sobretudo, da Paz.

Além disso, Rio de Contas, cidade do século XVIII, cuja riqueza arquitetônica é tombada pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, deve igualmente preocupar-se com a preservação de outras dimensões de sua memória, trazendo à luz fatos importantes protagonizados por essa cidadã, que é motivo de orgulho para seus conterrâneos e fonte de inspiração e referência para homens e mulheres de qualquer parte do planeta.

Carlos Landulfo de Souza Pau-Ferro.

Rio de Contas - Ba, Abril de 2008.